

Possível fuga de capitais preocupa governo

Hipótese de saída maciça de recursos é considerada com eventual vitória de Lula

ODAIL FIGUEIREDO

BRASÍLIA — O temor de uma saída maciça de recursos do País, em face de uma eventual vitória de Luís Inácio Lula da Silva (PT) nas eleições presidenciais, vem influenciando o governo na definição das medidas destinadas a garantir o valor do real. "É uma preocupação que temos de considerar, pois uma característica congênita desse plano é sofrer a influência das eleições", disse ao Estado um dos integrantes da equipe econômica.

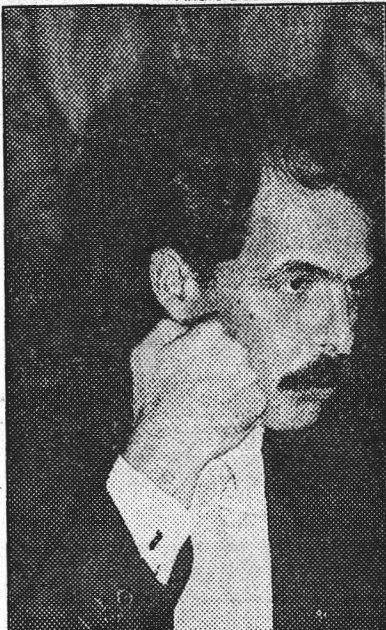
Se for intensa, uma fuga de capitais pode erodir perigosamente o estoque de reservas do Banco Central, principal instrumento que o governo dispõe para assegurar o sucesso do plano econômico. Num cenário desses, portanto, estariam comprometidos o Plano Real e a candidatura de Fernando Henrique Cardoso, inspirador do plano.

Mas a hipótese de turbulência na área cambial está preocupando também o comando da campanha petista.

Na quinta-feira, por exemplo, o deputado Aloísio Mercadante (PT-SP) almoçou com meia centena de dirigentes do mercado financeiro paulista, na Bolsa de Mercadorias e Futuros (BM&F). "Os tempos em que se dizia yankees go home não existem mais", afirmou Mercadante. É uma mensagem que Lula e seus assessores vêm procurando transmitir para dissipar os temores inspirados pelo ideário socialista do PT e seus aliados.

Se o receio existe, não significa que o País esteja à beira de uma crise cambial e o plano econômico condenado ao fracasso. "Com reservas de US\$ 40 bilhões, dá para acomodar uma saída razoável de recursos, se ela acontecer", diz o chefe de gabinete do Ministério

André Dusek/AE—8/11/93



Mercadante: dissipando temores

da Fazenda, Sérgio Amaral. Ele acha que não há como prevenir as variáveis eleitorais, "mas vamos estar preparados". Amaral, entretanto, não acredita em fuga de capitais. "As economias atraem recursos quando se estabilizam, e o máximo que pode acontecer é entrar menos dinheiro do que o previsto", acredita.

RESERVAS DO BC SOFRERIAM EROSÃO

É grande também no mercado financeiro o número dos que acham que a hipótese de Lula vencer as eleições não vai significar o desastre que muitos outros imaginam. "Em 1989, ele dizia que não ia pagar a dívida externa e inspirava muito mais temor", diz um ex-diretor do Banco Central, hoje na iniciativa privada.

Ele revela que, nas vésperas da última eleição presidencial, empresários e investidores remeteram 140 toneladas de ouro ao Exterior, pelo que puderam detectar os sensores do BC. Na época, esse ouro correspondia a US\$ 1,5 bilhão. "Esse montante é brincadeira perto do volume atual de reservas", diz o diretor.

Curto prazo — O temor de fuga de capitais é alimentado pela qualidade das reservas acumuladas pelo Banco Central. Os dados não são divulgados, mas especialistas acreditam que cerca da metade, ou mais, dos US\$ 40 bilhões em poder do BC tenham origem em operações de curto prazo, isto é, dinheiro que pode rapidamente ser mobilizado e tomar o caminho de volta se alguma espécie de pânico tomar conta do mercado. No México, o assassinato do candidato à Presidência apoiado pelo governo, Luis Donaldo Colosio, há dois meses, provocou a fuga desordenada de US\$ 7 bilhões.

Um experiente consultor de empresas estrangeiras estima em US\$ 11 bilhões ou US\$ 12 bilhões o dinheiro de estrangeiros investido em bolsas de valores e outras aplicações financeiras no Brasil. Outros US\$ 8 bilhões, pelo menos, teriam ingressado no País neste ano na forma de créditos comerciais, como o pagamento prévio de exportações. Essas operações costumam ter prazo máximo de seis meses e, em boa parte, foram buscadas pelas empresas para se prevenir dos efeitos do câmbio fixo que vai marcar os primeiros meses de vida do real. Se houver inflação na moeda nova, o câmbio ficará menos favorável para exportadores e melhor para importadores. Portanto, é melhor antecipar receitas ou adiar pagamentos, conforme o caso.

Outro fator de atração de capitais têm sido os altos juros do mercado interno. Esse estímulo deve continuar existindo, pois o governo deve manter elevadas as taxas, para evitar que os US\$ 129 bilhões, hoje distribuídos entre os vários tipos de aplicação financeira, sejam desviados para o consumo ou compra de ativos reais, como imóveis e carros. Nos dois casos, a estabilidade dos preços e do real seriam comprometidos.

O governo tem limites, entretanto, para puxar as taxas de juros. O plano não pode provocar recessão, sob pena de prejudicar irremediavelmente a candidatura de FHC. Além disso, juros altos aumentam as despesas do próprio governo com os títulos da dívida pública, cujo volume continua crescendo, apesar dos ajustes no orçamento.